

FOLHA DE GUARDA
(EM BRANCO)

VERSO
(em branco)

1ª FOLHA DE ROSTO

TÍTULO DA OBRA

(INFORMAÇÃO SERÁ DISPOSTA DE ACORDO COM A ARTE DE CAPA)

DIAGRAMAÇÃO
Henrique Turola

2ª FOLHA DE ROSTO

NOME DO AUTOR E TÍTULO DA OBRA
(INFORMAÇÕES SERÃO DISPOSTAS DE ACORDO COM A ARTE DE CAPA)

Copyright© Rui Samarcos Lora

6566/1 – 100 – 72 – 2013

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es),
proprietário(s) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lóra, Rui Sève de Samarcos

Quadra do quadrado quadriculado / Rui Sève de
Samarcos Lóra. -- 1. ed. -- São Paulo : Scortecci,
2013.

ISBN 978-85-366-3102-8

1. Poesia brasileira I. Título.

13-03444

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

GRUPO EDITORIAL SCORTECCI

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefone: (11) 3032-1179 e (11) 3815-1177

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

Telefone: (11) 3031-3956

www.asabeca.com.br

B''H

Aos “personagens” deste quadrado.

Prólogo

Para muitos, ler poesia é um desafio. Entender é brincar com a paciência e reler é perda de tempo. Ainda mais se concordamos com o grandioso Fernando Pessoa que afirmou que “o poeta é um fingidor”. Acho que no meu caso eu me finjo de poeta, pois enrolo palavras, busco as rimas e modifico o significado. Às vezes dá certo, às vezes deixo como está. O importante é que aquele a quem destino o poema entenda o que quis dizer com ele.

Raiva, amor, pensamentos, decepções, cismas, traumas, problemas, desavenças, sofrimento, enfim, tudo é tema de um poema. Tudo cabe em pequenas frases, em pequenos livros e em algumas páginas. Até o nada cabe no tudo, mas o tudo não cabe no nada, porque no nada não tem tudo, tem nada, se é que pode entender.

Nos poemas é possível esconder mensagens, significados e pensamentos, e essa é a verdadeira forma de exibir os maiores segredos da vida de uma pessoa. Chega parecer algo ilícito. Sem dúvida alguma a poesia nos permite fazer algo ilícito sem ao menos apresentar provas para nos condenar, percebe? Podemos amar a quem não devemos, roubar corações que não podemos, voar sem os limites do homem, sonhar acordado e enganar a quem se acha não estar errado.

A poesia é uma arte tradicional. É vestir a linguagem com uma roupa puramente estética! A poesia é música não tocada, pronta para ser executada. Para uns é uma arma, pois não existe outro meio de deixar uma garota apaixonada. Apesar de estar certo de não ser um poeta, mais certo estou de que deixei de ser um pateta, rimo sem saber o que vai acontecer. No fim da linha sei que tenho que rimar e também escrever. A poesia transfigura

pensamentos e ritmo, dita harmonia e encanta. Também emocional! É, essa é a poesia.

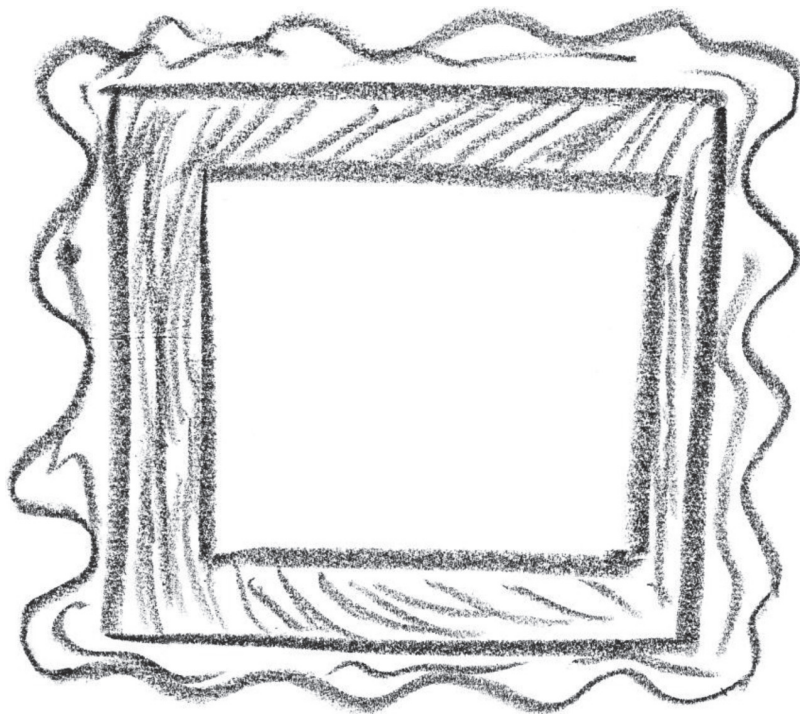
O sentido das páginas que estão por vir é o de transformar meu sentimento em expressão. Vasculhei a imensidão de uma mente pensante, o coração de um corajoso viajante e as mãos de um eterno sonhador, para demonstrar que, para os que já conhecem a vida de um louco alucinante, os versos inquietantes nada mais são do que a verdadeira verdade do homem errante, comum e igual a todos os semelhantes.

Assim, convido a passar à próxima página, pois olhando com seus próprios olhos terei a certeza de que encontrarão a sinceridade dos anseios da humanidade de forma diferenciada e, antes de refletir sobre o assunto, já estarão no fim.

Sumário

A quadra da vida.....	15
Eu espero	16
Alegria.....	17
Eu “Rigolletto”	18
Eu sou você e você e eu. É, você sou eu... ..	19
Eu queria... ..	20
Vamos ver?	21
Agonia.....	22
Metade	25
Carroças sem cavalos.....	26
Nada.....	27
A melhor das épocas	28
O poema “de uma letra só”	29
Movimento da divagação	30
Mudam-se os tempos	31
Verdade.....	35
Devagar.....	36
O infinito.....	39
Noite encantada.....	40
No sobe e desce da vida.....	41
Nova Ilusão.....	42
Shabat.....	43
Por trás dos olhos	47
Sina	48
Troco palavras pra você	49
...Vento... ..	51
Seus Sapatos.....	52
Fim do início do meio	54
Coisas	55
Pedras passadas.....	59
Antes do tempo.....	60

Le Défi (o desafio)	61
Ebulição em dois sentidos	62
Pedaço do tudo.....	63
O beijo	64
Cem Sentidos.....	65
O Fim.....	66
Epílogo	69



... quadro

VERSO
(em branco)

A quadra da vida

Interessante pensar
Que estamos em quadrado.
Como foto,
Fotografados.
Pensamos em algo...
Pronto, estamos parados.
Na quadra da vida
Somos os verdadeiros quadrados.
Quadro a quadro
Passam os anos,
Os dias e horas.
E a vida? Agora história!
É redondo o quadrante.
Abrija meus ponteiros,
Marca minha vida e mede meus anseios.
Verdadeiro desespero,
Coisas que se perdem,
Tempo que não volta,
Unhas que alimentam
A agonia da derrota.
Espero eternos segundos,
Sofro com demorados minutos,
Perco a paciência com as horas
E não suporto a idade que me devora.
Arrastando meu corpo
Apago memórias.
É difícil lembrar tudo.
No caos, em poucos segundos, minutos de glória,
Corro com o tempo
Ou talvez ele corra comigo.
Quadra da vida: o silêncio!

Eu espero

Se vier o agora antes do depois
Avisar-me antes para que eu não durma durante,
Mas caso queira que o hoje venha amanhã,
Não me lembre do ontem, naquele maldito instante,
Porque não vou dizer “oi!”

Troca-se então o porquê, pelo menos até apreender
Que não se vive de perguntas, nem se responde “porquês”,
Mas por que devemos dizer o porquê de saber o que?
Sabe-se lá o que isso quer dizer...

Que saudade de quando as horas eram minutos,
Quando os segundos eu não via passar.
De quando me abraçava no carro
E os milésimos eu podia contar.

Tudo que foi pecado agora deixa de ser.
Passa pelo medo até o desconhecido e o não entender.
Se o faz com pura vontade, alcança-se prazer,
Mas quando não encontra amor de verdade, esqueça,
Nunca vai entender.

Então por que diabos eu tenho de viver?
Se o agora é depois?
E se o porquê das coisas não serve para nós dois?

Minhas horas são curtas,
Em boa parte duras.
Se não posso viver como quero,
Tudo bem... eu espero.

Alegria

Alegria não se tem, se cria.
Com uma ou várias lágrimas,
Com o tempo,
Com as lástimas.

Alegria: um remédio
Alegria: fantasia
Há algo melhor?
Melhor que alegria?

Quando alegre estou,
Estou abraçado
E quando quero alegria
Me prendo ao passado,

Mas se agora não posso sorrir da vida
Não quero pensar que esteja acabado.
Basta olhar para o espelho
E ver que ainda sou engraçado.

Chovendo o céu chora
E em seguida o sol consola.
Assim são nossas vidas:
Depois de uma forte chuva, há sempre alegria.

São estes dias de alegria,
Às vezes chuvosos, às vezes ensolarados,
Com pequenos pingos, com raios lindos,
Mas melhor saber que estaremos abraçados.

Eu “Rigolletto”

Você some, aparece.
Parece fugir, reaparece,
Mas, de repente, desaparece.
Eu continuo a prece.

Sem pressa, vou depressa...
Conversa que não quero acabar,
Porque medo tenho de conversar
Com alguém que acabo de encontrar.

Certo da certeza de não ser
O que acha que sou?
Um ator, à toa ou um atrapalhado?
Desse jeito sem jeito, de sentar ao seu lado.

Não, não sou um sistemático!
Sou um bobo, um bobão abobalhado!
De verdade, não sou um lunático.
Acredite, só não quero ser mais um fardo.

Então me deixe saber o que melhora seu dia
“Eu vou te dar alegria”
E você nunca mais vai chorar.

Um bobo não é um tolo
O que ele mais quer é se importar,
Seja com você ou com o mundo
E, assim, nunca te deixará chorar.

Eu sou você e você e eu. É, você sou eu...

...as vezes

eu sou você,
mas não sei dizer
se sou eu
ou se é você.
não posso saber
que você é quem sou
e que eu não sou
o que você quer ser
eu quero ser
o que não sou
mas sem você
não posso ser
então seja quem sou
e eu serei você
porque se não sou eu
nunca vou ser você.

Eu queria...

Hoje eu queria esquecer de tudo,
Queria correr,
Sair,
Fugir do mundo.

Queria ouvir outras pessoas,
Escutar coisas boas,
Queria ter tudo o que mereço,
Pouco mais que respeito

Viver feliz,
Sem metade,
Queria a própria vida,
Ausência da saudade.

E você?
“Meu” maior inimigo?
Sentiria raiva,
Implorar-me-ia abrigo!

Queria deitar sem precisar lembrar,
Dos dias em que fui gostar,
Em que te abracei para me sentir seguro,
Mas que nada adiantou, pois nunca fomos maduros.

Queria discutir,
E quando menos esperar, partir,
Começar a escrever,
E depois... antes de terminar...

.... correr

Vamos ver?

Vamos ver?
Ver pra crer.
Quer ver?
Ver pra que?

É, vamos ver,
Vai saber o que...
Bom, venha ver!
Vindo verá.

Verei porque vou vir,
Mas é aqui!
Então vamos lá.
Vem pra cá!

Decida pra onde ir.
Se venho ou vou,
Vá e venha,
Volte e veja.

Veja o visto,
Vejo o vasto,
Mas não vamos ver
O que foi vasculhado.

Ver pra que?
Quer ver?
Ver pra crer.
Vamos ver?

Agonia

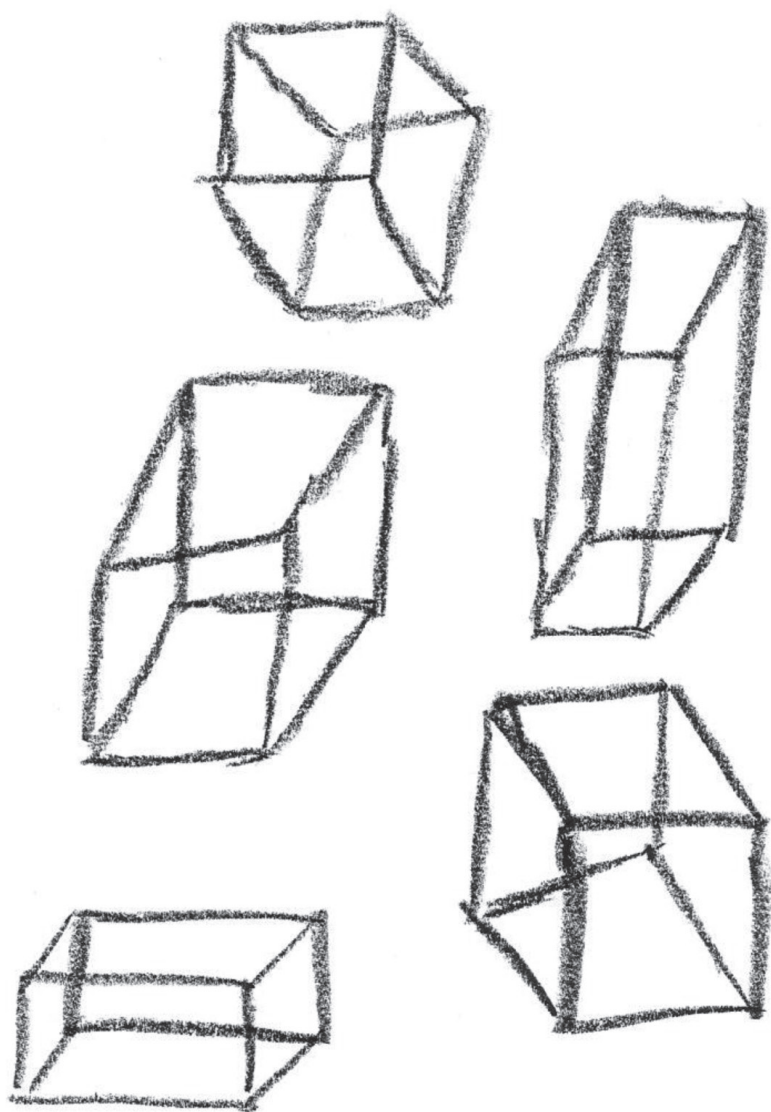
Sejam as pernas
Que tremem como varas,
O coração que palpita
Que corre e dispara,

As unhas roídas e calças folgadas,
Reflexo desta triste agonia
Que desde então
Nasce antecipada.

O que dizer do susto?
Aparece imprevisto
Com o não sonhado
E com o não quisto.

Tudo é parte dessa sensação eufórica
Que se manifesta insólita
Fazendo temor sobre o incerto
Onde todos fogem do sucesso.

E é pela dor não sentida,
Pela palavra escondida
Que o medo reprimido
Revela a temida agonia.



A quadro...

VERSO
(em branco)

Metade

Quero sentir saudades da família,
De poder ligar e chorar,
Lembrar dos dias de domingo
Em que sob o céu mais lindo costumava deitar.

Quero poder falar com as pessoas
De que de outro lugar eu sou,
E ao olhar pra mim com outros olhos,
Enxergar um ser humano de valor,

E que me cerquem de perguntas sobre meu lugar,
O que quero mesmo é viajar.
A saudade e o tempo são inimigos de um coração solitário.
Às vezes tenho medo de me esconder
E de nunca mais ser encontrado.

Na verdade não sei ao certo o que quero,
Mas gostaria muito de ser lembrado,
Como o eterno homem,
Que nunca foi realmente amado.

Quero agora refletir sobre a distância,
Sobre o tempo,
Sobre a saudade,
Sobre este sublime momento,

Será que realmente quero ficar só?
Talvez o que me falte seja metade.
Metade de saudade, metade de uma dor,
Metade de uma vida, metade de um amor

Carroças sem cavalos

um país sem estados
uma chave sem cadeado
um cigarro sem viciado
o museu não visitado
uma mulher sem namorado
um advogado sem vernáculo
uma casa sem telhado



a gravidade sem o espaço
um gordo sem um magro
morto não enterrado
um teste sem resultado
morte sem batizado
maçom sem esquadro
vida sem maltrato
o presente sem o passado

um cérebro vago
dor sem machucado
coração sem miocárdio
o time não treinado
um professor não educado
computador sem dados
avião não decolado
o mundo sem antepassados

...são carroças sem cavalos

Nada

Do tudo existe um nada
Do nada existe um resto
Do resto do nada
Nada tem a ver

Do resto um pedaço
Que do tudo tem uma coisa
A coisa já não é do tudo
Do nada tem de ser

O tudo tem tudo
Até o nada, pois o nada
Está no tudo
O tudo tem o nada

Do que sobrar é resto
Mas o resto é do tudo
Pois o tudo é nada
Tudo é tudo

Sem o nada não existiria nada
Nada do tudo é do nada

A melhor das épocas

Nasci no futuro, na melhor das épocas.
Longe do escuro e da Idade das Trevas
Vi quase tudo no mundo: a paz e a guerra
E não há melhor lugar!
A humanidade ficou cega com tanta luz
E continua sonhando com um amanhã que já é hoje,
Este utópico real, materialização dos desejos,
Escassez do antigo, fonte dos medos.
Mundo de histórias, fantasias e glórias.
Alegre por ser repleto de anedotas,
Triste por suas batalhas impiedosas.
É o que temos e podemos partilhar.
Eu tive sorte,
Assisti Cantinflas e Amácio Mazzaropi,
Ouvi Alceves Mejia¹ e toquei Pink Floyd,
Li Nelson Rodrigues e dancei foxtrot.
Conheci o e-mail e usei celular,
O melhor que podiam inventar.
Dei uma volta no mundo sem sair do lugar
E já pude fazer o contrário: acordar e sonhar.
Eis o melhor dos tempos.
Tempo inocente, sem ressentimento.
Fácil e cômodo, com carros do futuro no presente,
Passado vindouro, pretérito ausente.
Já não posso imaginar,
Viver passado longe desse lugar.
Sem saber onde estamos
E aonde vamos parar...

¹ *Inspirado na obra de Roberto Rodrigues: “Depois da Tormenta”*

O poema “de uma letra só”

Para poder produzir um poema
Posso eu parar de pensar?
Produzir pretextos para parar?
Perdendo palavras por pouco provar

Provar pensamentos que não podem permanecer
Presenciar partidos que pecam por perder
Ponto principal da partida de um pedinção
Pseudônimo do político padrão

Penso no porquê de parar
Perco o pouco que posso provar
Princípio da precipitação do possível paradoxo
Posse do povo neste pavimento prognóstico

Posso perguntar?
Pedir para parar?
Para poder pular do precipício do pensamento
Permaneço patusco, provando que posso

Parar os ponteiros
Pedir aos primeiros
Que pecam por falar
Que não posso produzir som com o “p” de pensar

Movimento da divagação

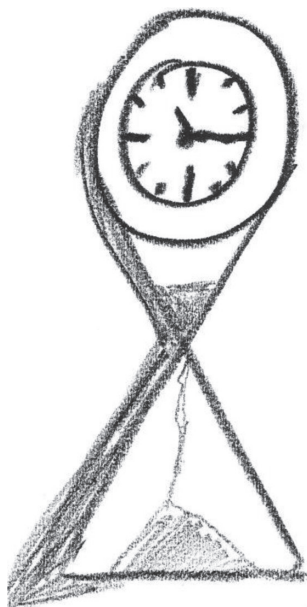
M o vendo o Mó vel
 o movi men to Mo vi men ta
 o mun do mostran do o momen to que
 Desce
 Descidas
 De
 gra
 us
 De c o m p o s i ç ã o
 Devida
 Destinada
 Der
 Re
 Ti
 do
 Destemido
 Divagando
 Dúvidas
 Des gas ta das
 Des bas ta das
 Como matas
 Desaba
 das
 Desclassificados
 Do denominador
 Desfraldado
 D.I.G.I.T.A.D.O
 Desanimado
 Dogmático
 Desacreditado
 Destinado a
 Divagar...

Mudam-se os tempos

Não pense que poderíamos convencer a multidão
Que seria fácil enfrentar o mar
E que, olhando sempre para o sol,
Chegaríamos à escuridão

No dia em que a lua demorar a
se esconder
Não pense que poderíamos rou-
bar o ouro
E que vendendo em busca de so-
lidão
Seríamos mais livres que você

Na luta entre as ondas do mar eu
vi
O seu barco desaparecer
E quando eu quis afundar pra lhe
salvar
Eu vi o que não queria ver

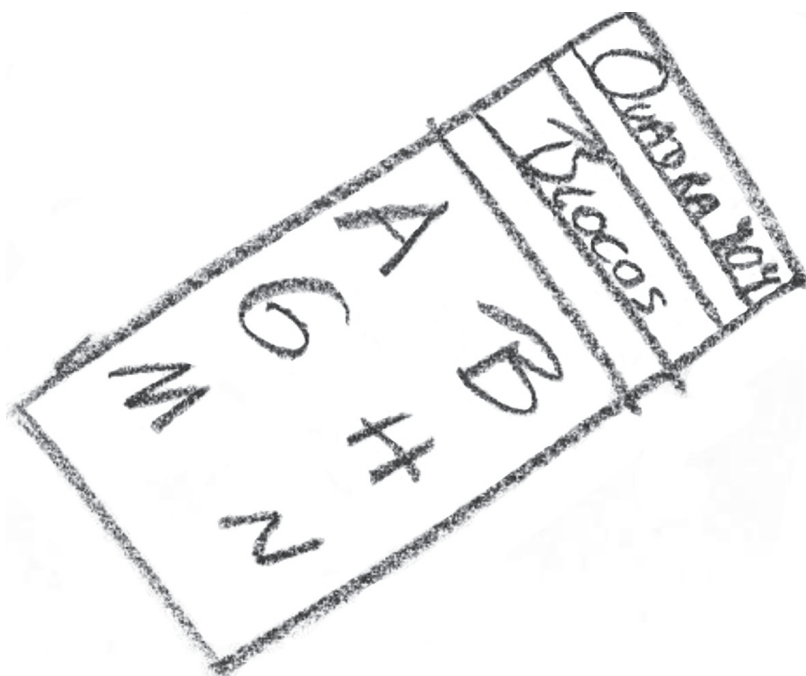


Com a vida a ponto de escapar do nosso saber
O mundo inteiro irá acordar
Talvez não saibam mais o que dizer
Pra você: “Olá!, até logo!, foi um prazer!”

Mudam-se os tempos em todos os momentos
Dentro da nossa mente vejo aparecer
O que eu não queria que fosse acontecer
Mudam-se os tempos desde o meu nascer

V O C Ê

Desaparece
me engana
reaparece
me esquece
cancela
mente
diz que está doente
me cansa
está na mente
é louca
ficou pra trás
me lembrou
devora
não se satisfaz
sempre impressiona
some e desaponta
me emociona
canta e eu choro
se esquece
se casa
não avisa
muda a rotina
procura o que não encontrei
conhece o que não quero ver
desgasta o que sei
me envenena
consegue perturbar
me acalma
e volta para consolar
enfurece o calmo
me cura e me deixa doente



A quadra

VERSO
(em branco)

Verdade

Minha mente mente.
Não diz a verdade,
Não diz o que sente,
Só pensa em liberdade.

Todo o dia ouço uma nova verdade.
A verdade velha agora é mentira
E a mentira nova agora é verdade.
Minha mente mente.

A lógica se confunde com a dúvida,
Logo a dúvida é uma outra lógica.
A lógica da dúvida não tem lógica alguma
E a dúvida da lógica põe em prova a verdade.

Mentira

Devagar

Eu não sabia até onde podia chegar
Depois de tudo que fiz você ainda me diz:
“Foi devagar”

Tentei ser gentil
Dosar a ansiedade
Dobrar esquinas e
Criar coragem

Esperava uma pista
Quem sabe uma visita
Inesperada...
À noite, sem mais, sem nada

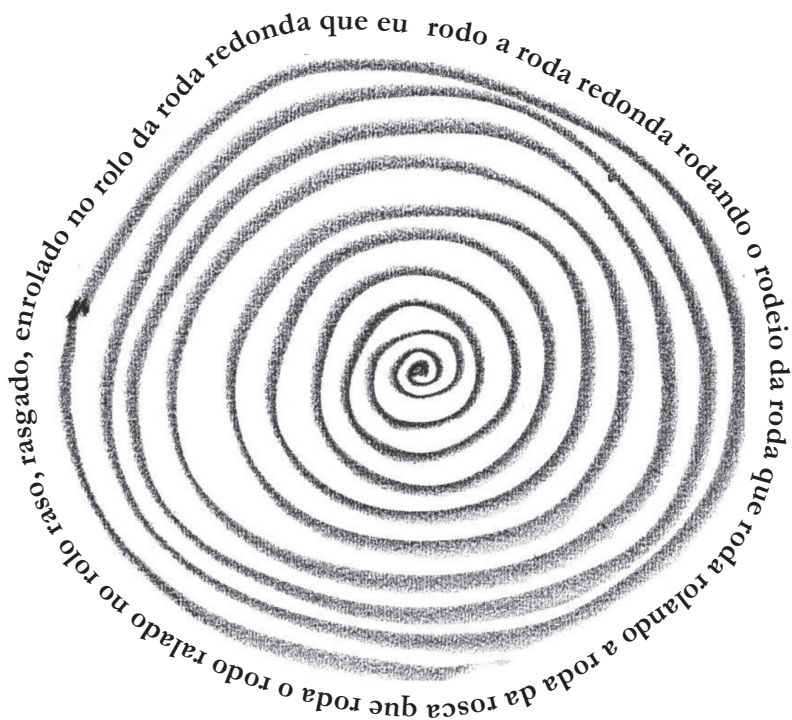
Talvez tivesse de roubar um beijo
Quem sabe seria um acerto
Duvido que seja verdade
Além de grosso, covarde

Ouço o que não quero
Às vezes o que não gosto
Gasto o tempo com o mundo
E neste mundo não aposto

Eu não sei se queria te ver
Tenho dúvidas se queria te querer
Mas me canso, vejo você
Pois medo tem de me conhecer

Ser espontâneo
Falar sem pensar
Não é comigo
Mil guardas residem no meu olhar

Roda Redonda Roda



O infinito

Tudo desaparece,
Some de vista.
O branco é o máximo da luz
E o pensamento adormece.
Os sentidos me fazem viver
Para tentar enxergar e escrever.
Também some o tumulto da escuridão.
Caos de um lugar sem feição
E a alma é a única a saber.
Remontando à memória, suas perguntas.
Neste estágio estamos no infinito.
Não há morte, não há grito.
A perpetuidade está em voga.
No infinito não se acorda.
Não se dorme, nem se afoga
Por isso não temos tempo.
De fato, não temos tempo!
Mas ao mesmo tempo, temos todo tempo.
Estranho não ter e ter o tempo.
Temperado neste momento, neste tempo
O infinito é ausência de tempo.
É o tempo gasto vezes o tempo ao quadrado
Pelo momento do tempo passado,
Futuro do pretérito do tempo, um exemplo.
Mesmo no escuro,
Sem os traços do infinito,
Percorro o tempo futuro.
Tempo do relógio do mito.

Noite encantada

Lembra da noite encantada?
Noite de chuva,
Quase de madrugada.

Salvou minha vida,
Que há tempos estava amarga
Hoje deixando-a ferida
Não mais cicatrizada

Oh! Noite alada,
Com ventos e canções chatas,
Com lindos trovões
E roupas molhadas

Sombras e pessoas
Circulavam a cena, se lembra?
Mas nada impedia
O fim da eterna pena

Sinto ainda o verde
Que comigo brilhava
Pelas ruas de Brasília
O sol já não nos tocava

O castigo acabara
A sede aumentava
Chuva logo passa
E o calor novamente condena

No sobe e desce da vida

<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce
<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>	<i>Suba</i>
Desce	Desce	Desce	Desce

A
I
A

CANSADO.

Nova Ilusão

É pensando no mar que meus pensamentos vão remoendo.
A memória e as lembranças de todo bom momento
Vão longe na imensidão do horizonte,
Tropeça nas ondas até o velho monte,
Bem longe (...) muito longe.

Lá em cima vejo Sua grandiosidade
Que me reconforta nesses últimos dias.
Sem saber o que dizer, me convida a sumir.
A subir entre as nuvens e enxergar as coisas do “porvir”.

Mas parece que não fomos feitos um para o outro
Porque os nossos destinos parecem não se cruzar
Seguem paralelos, soltos...

E ao entrar em cada sala nova
Vejo que o meu maior medo abre mais uma porta
Não sei se estou preparado para largar
Todo o ouro que estive em minha mão
Para afundar meu único barco
e partir para uma nova ilusão

Shabat²

Eu me apeguei ao coração de uma futura *Iídiche Mame*³
Aquele que bate com emoção, que toca uma canção
Para o lar em paz descansar

Nenhuma paisagem se compara à miragem que tenho
Quando de Brasília venho para minha nova morada
Mas ainda é cedo pra dizer que tenho nas mãos uma
namorada
Tenho de esperar o *Shabat* acabar, acender as velas do
*Havdalá*⁴
E partir em busca do meu novo lar

Enquanto os dias passam eu vou escrevendo,
Nessas brancas linhas de carinho
Vou preenchendo de saudade o papel vazio
Não sei se chegarei a ser parte do fim de uma bela história
Mas quero que nossa *Ketubá*⁵ fique na memória

Então me despeço com muita saudade,
Na *Hatikvá*⁶ que nossos destinos sejam cruzados,
Que nossos encontros possam ser usados
Como exemplo para a infância de nossos frutos.

Manaus, 2010

² Dia de descanso (sábado), última dia da criação

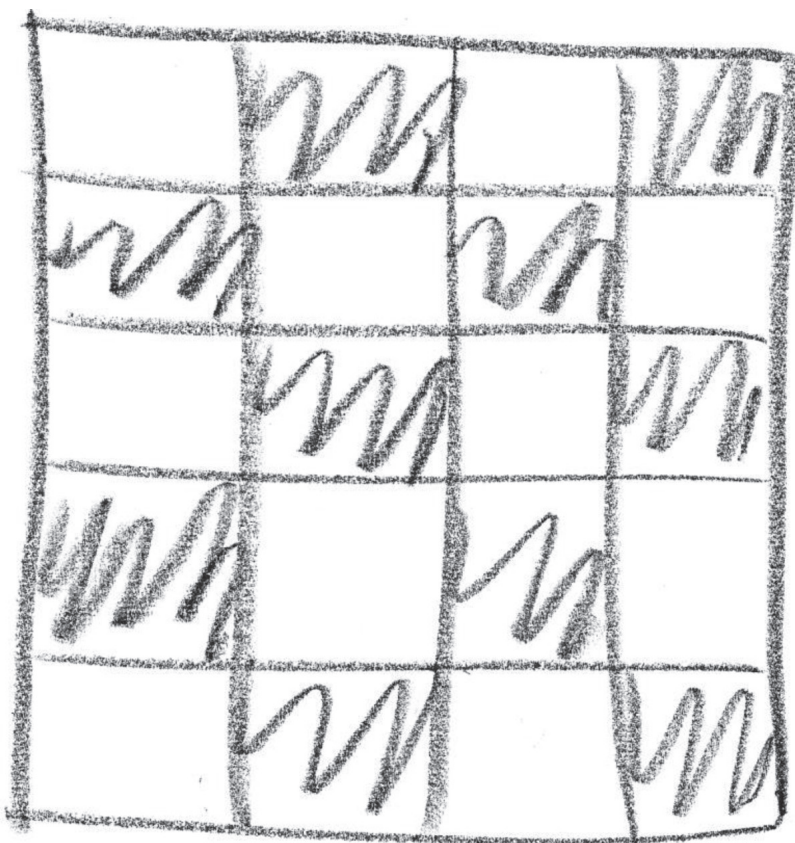
³ A típica mãe judia, protetora do filho

⁴ Cerimônia judaica que marca o início da semana

⁵ Contrato matrimonial do casamento

⁶ Esperança

VERSO
(em branco)



...Quadriculada

VERSO
(em branco)

Por trás dos olhos

Você pode me ouvir?
Você pode me ouvir gritando?
Isso não quer dizer que esteja morrendo!

Se perguntarem onde estou,
Diga que não cheguei
“e quando ele voltou?”
“eu não sei”

No meio dos meus vícios eu não sou o centro.
As minhas manias não sou eu que invento.
Mentiras sadias são só desculpas.
Acredite na sorte de uma vida fajuta.

Eu não quero mais correr,
Não aguento fugir de tudo.
Olhe por trás dos meus olhos,
Não estamos no mesmo mundo.

Desmanchando o brilho das estrelas
Meus olhos vivem de incerteza.
Minha face esta escura.
Me sinto do outro lado da lua.

Quando meu corpo virar uma luz
Olhe para o céu e tão logo verás.
Não preciso mais fugir,
Estou aqui em cima e posso respirar.

Sina

Falo como se tivesse tido
Alguém mais que amigo,
Que com as mãos dadas pudesse caminhar.
Falo sem ter visto
Um sonho mais que perdido,
Outra história vencida
Que me custa aceitar.

Mas minha demora de sempre
Que julgava ser imprudente
Lhe partiu e me taxou: devagar.
Era a chance perdida
Da noite transformada em dia
Quando lhe deixei escapar.

Assim, revelei meu pouco alcance.
Meu desejo incessante
De dizer que queria contigo sonhar.
Contava com a sorte
E com ar melancólico
Escrevia e falava sobre a morte
Para te impressionar.

Do que adianta?
Fingir ser poeta se não consigo declamar?
Se vencida a guerra não posso atirar?
Esta é minha sina:
Viver mais para escrever
Do que viveria para amar.

Troco palavras pra você

Sabe, “estava acostumado a ganhar antes de ir para a guerra”.

Isso já foi até refrão de canção,
Mas perder e ganhar é sempre relativo.

Eu tinha medo de abrir portas,
De ficar só neste grande barco.
Descobri que um amor cura o outro
E é neste que quero ser curado.

A gente só morre quando quer,
Quando quer ser esquecido.
Esconde do mundo e o mundo pede pra ser escondido.

Com lápis roído,
E dedos cansados,
Muito penso em você.
Sem medo de sonhar.

Eu não preciso chorar,
O espelho reflete o que preciso ver.
Você é de verdade,
E não me canso em dizer.

Agora procuro seus rastros,
Penso em ti
Dou tantas voltas
Enfim, sigo seus passos...

Troquei as palavras desse texto
Porque comecei a amar.
Assim esqueci o passado
Que você me faz e faz entender.

...Vento...

...Vento que vem do vento que vem do vento

Passa pela porta, peita o apartamento.

Voa vento lá fora, vem aqui pra dentro.

Vento que vem do vento que vem do vento que vem
do vento que vem do vento que vem do vento que vem
do vento que vem do vento que vem do vento...

...Às vezes vejo o vento vindo violento,

Vento sacode saco, um sentimento.

Volta vento, vem depressa, vaga o tempo.

Vento que vem do vento que vem do vento
que vem do vento que vem do vento que vem do vento
que vem do vento que vem do vento que vem do vento...

... Fuja vento do calor do incêndio.

O fogo é rápido como o vento.

Assim são as palavras jogadas ao vento.

Vento que vem do vento que vem do
vento que vem do vento que vem do vento que vem do
vento que vem do vento que vem do vento que vem do
vento...

...Vento...

Seus Sapatos

Me dei conta
Que você dá conta
da minha “conta”,
E eu sem falar.
Quando quero te convidar
Só sei suspirar.
Me perder no meio do nada,
É quando olho o seu cabelo.
Me perguntando se o prefiro
Solto ou preso.
Se seu sapato é verde
ou amarelo,
Azul ou caramelo.
Tanto faz, para mim, faz tanto

E foi no verão que eu vi,
Te conheci
E não tive medo
De procurar.
Me escondi na tela,
Mas deixei ela te dizer tudo,
Para você adivinhar
O que se passava no meu mundo.
É, foi você meu verão.
Foi também minha neve
E o frio.
O contrário,
Metade do mundo.
Meu mundo pela metade.
Parte da alegria.
Motivo da minha saudade.

Velha montanha

Por trás da velha montanha
Surge o amanhecer.
Eu quis estar lá
E consegui chegar.

Parecia delírio
E fui por duas vezes.
Vi o sol sair como mágica,
Duas vezes eu senti.

E a ilha suspensa?
Cercada por montanhas?
Tinha os pássaros como
guardas
E homens em suas costas.

O verde e a água,
O céu e as nuvens.
Tudo é uma dualidade
Reproduzida a olho nu.

Quando minha alma subir
Vou ver o céu descer.

E da montanha velha que-
ro enxergar
O alto se aproximar.

Mas fica a saudade.
Fica a vontade.
O sentimento de imensi-
dão.
A fuga do homem na so-
lidão.

E o mar das matas?
E as águas das terras?
Pedras que falam
E sombras que se escondem.

E se são segredos, quero
desvendar.
Se forem medos, quero
passar,
Mas se for epifania, quero
sentir
A catarse de um segredo
abrir.

*Santuário de Sacsayhuaman,
Cuzco, em julho de 2011.*

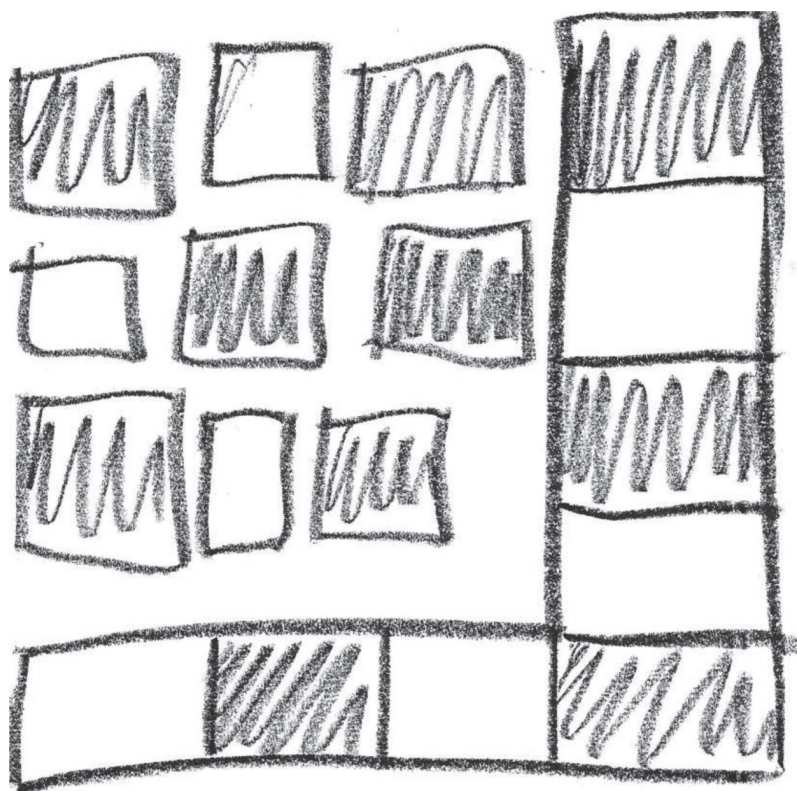
Fim do início do meio

E o que é o fim?
Será resto do começo
Ou será o fim do início?
Pode ser doce ou ruim,
Ser triste ou ter um feliz fim,
Mas sempre será o mesmo.
Ficando no final, às vezes ao esmo,
Todos têm fim
E o fim de todos é único
E sempre será!
Mas se pensarmos que o fim da carne
É o início do espírito?
Seria o nascimento e a liberdade da alma?
Saída do corpo para a glória?
Pode ser este o fim,
O nascimento de uma flor.
Pôr do sol de um dia sem dor.
Eu queria ter o fim do início,
Começar tudo de novo.
Escolher o enredo
Dessa novela que está no meio.
O início do meio do fim
Fim do meio do início
Meio do início do fim
Fim do início do meio
É o que precisamos para viver:
Mudar o ritmo do início de cada fim
Para viver no melhor dos meios.

Coisas

Quanta coisa.
Quantos dias,
Números, palavras, vozes e poesia.
De repente eu acordo,
Abro os olhos.
O pensamento começa a brotar.
Eu sinto o cansaço do dia
Antes mesmo dele começar.
Até tento usar palavras, xingar,
Mas não vale a pena
Reclamar antes de levantar.
Por isso acordo, pra depois voltar
E passa o dia, passam as horas
E nada de mudar.
Essa rotina vazia
Quotidianamente diferente,
Mas com horas subsequentes
Que não fazem mudar.
Fecho os olhos novamente
E o que vejo é mesmamente
O mesmo lugar que eu queria voltar.

VERSO
(em branco)



...Se Quadricula

VERSO
(em branco)

Pedras passadas

Eu já quis pôr um fim em tudo,
Quase disse adeus ao mundo.
Sabia que nada iria mudar
Quando um dia tentei escapar.

Daqui não levo boas lembranças,
Nem mesmo da minha infância.
Se um dia procurar viver,
Tenha certeza de que o esforço vale a pena,
Porque talvez seja melhor não acordar neste mundo,
Ser ator dessa cena.

Nem que eu possa prever o futuro,
Nada muda um passado escuro.
Se não tem que deixar viver,
Quem julga o que não pode morrer?
Na sua vida sempre asas
Na minha sempre pedra, pedras passadas.

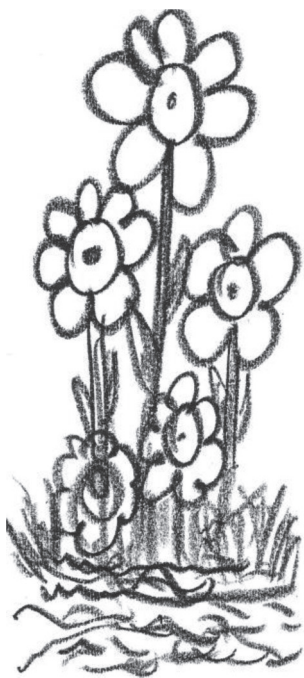
Com os olhos vendados e as mãos no bolso
Não imagino o que vem pela frente.
Não quero adivinhar, muito menos arriscar.
Quero dormir para todo o sempre.
E quando pensa que chegastes ao fim,
Percebe que ainda está no começo.
Minha vida por um triz, você ainda tem um grande
enredo.

Antes do tempo

Quanto perdi
Me adiantando no tempo,
Perdendo o momento
De conhecer o proibido,
Fazer o errado e estar escondido,
Eu perdi o momento
De largar o mundo
E sair do isolamento.
Eu perdi o que não se ensina,
Perdi o início da vida.
O conhecimento do insano,
O incerto desejo,
A dor de conhecer o perigo,
Emoção de não ter caído.
Não perdi o respeito
Me deixei ser tomado
Não fui muito longe
E me senti amordaçado.
Com cólera e remorso,
Preso ao pequeno passado.
E hoje sinto não saber
Como devo temer,
Domar meu destino,
Paradeiro de um certo menino.
Antes do meu tempo
Existiam bons momentos,
Velhos tempos que não voltam mais,
E eu temo a reclamar

Le Défi (o desafio)

Transformar as cores em palavras
Sentindo o cheiro das flores sem tocá-las.
Desafio que não quero desistir,
Este de perceber que não existe fim.
Lugar que nunca vi,
Mas bastou olhar o céu para amar.
Mágico pensar lá e aqui,
Poder voar, sentir e sonhar.
Perfume materializado em rima
Como ouvir um amigo antigo
agradecer.
Acompanhar o sol até o entardecer
Dando sentido à vida que me anima.
E como sonho com a paisagem,
Passar o caminho, olhar o passarinho.
Talvez com você ou com alguém.
Mesmo com ninguém, pois me
vejo além,
Aquém do brilho da grama e das
folhas.
Árvores que parecem cantar.
Melodia corrida que encanta os
cantos
Das calçadas ora estreitas ora largas.
É o desafio primoroso de escrever
Sobre algo que nunca pude entender:
Como palavras soltas se unem para explicar
Que uma amizade florida não se pode findar.
Se é poema ou poesia, não sei,
Mas foi um pedido sincero e creio que não errei.
Tristemente cheguei ao fim, apesar de querer continuar
A caminhada neste Parque Floral que acabo de cruzar.



Ebulição em dois sentidos

Termina, assim, a ebulição
A panela volta a esfriar
A água começa a parar
Eu desligo o fogo
O que me importa é a cozinha
De frango ou de letrinha
Para fazer minha sopinha
Volto ao fogão, Verdadeira agonia
Que mede os gastos
Porque não para a economia
E se posso correr...
Água na calefação
Ossos em ouro
Assim como na mutação
Tudo faz muito sentido em alquimia
Esquente a água que entra em ebulição
Fazer com que o fogo que assa o pão
Vejo a química de um fogão
Todos os dias na minha cozinha
Como mágica, sonhos que somem
É o estado líquido que vira vapor
Nessa transformação
Eu sonho em poder pegar uma carona
Balões de gás que para o céu vão
Que sobem e explodem
Ver as bolhas que se borbulham
Se for grande, terá sorte
Tudo isso dentro de um pote
Fazem barulho e estralam
Elas sobem
Água quente, bolhas se formam (...)

Sentidos dois em ebulição

Pedago do tudo

É preciso estar de olhos fechados p'ra enxergar
Tudo aquilo que há do outro lado.
A imagem do devaneio estelar
Possível faixa do “cometa alado”.

Ela que se estende até o fim do túnel
Em uma realidade já equidistante.
Possivelmente a verdadeira imagem do delírio,
Elucubração desta constante.

Onde o fim dos seres é inútil aos homens,
A perniciosa certeza do errado é que dá valor ao sem-
blante
Do vago comentário tolo, escrachado
Ao desbocado infortúnio de quem não é amado.

É por isso que o que toca a terra necessita descansar,
Cansado das agulhadas da vida há que se lamentar.

Tirana, Albânia, 2012

O beijo

Sentir e não mais. Esta é a dor.
É a mais penosa que se pode ter.
Não ver,
Sofrer sentindo o insensível.

O gosto que não se sente.
O molhado que se esvai;
Não se quer enxergar
Tudo o que somente a alma diz;

Sem falar ou ouvir
É o movimento mais sublime;
O toque, a liberdade
E a textura;

E eu? Medo tenho de não mais sentir
O tamanho, o peso e a
Forma com as mãos.

O apagar das luzes e a chuva,
A solidão conjunta que se cria,
A ardência e o calor emanando.

O fogo
A dor
E a vontade de querer mais,
De sentir e de ter o impossível.

É quando estou longe, sem realmente sentir
O sabor, o calor e os sustos
Com frio e confuso
Vejo o escuro ir

Cem Sentidos

Vejo o sabor do gosto
Tocando o cheiro da visão,
Da mesma forma que sinto as cores no rosto
Toda a vez que lavo minhas mãos.

É o mesmo que ouvir o grito do cheiro
Que exalam os olhos ao sentir uma canção.
Canção de gosto duvidoso,
Pois faltou sensação, sentido tosco.

Cantam cheiros,
Exalam cores.
Vejo sabores
Tocando amores

O que ver?
Ouvir?
Sentir e cheirar?
Bastando amar e amar?

Sem sentidos ou
Cem sentidos,
Sentimos muito
O sentimento de importar

Importar é amar.
É cheirar e ver,
Ouvir e sentir.
Necessário a ser.

O Fim

Era só pó até ontem à noite
Encontro a mesa desfeita
Com alguns pães semi frescos
Prontos, esperando a manteiga
Um pouco indeciso,
Lavo o rosto,
Enxugo as mãos,
Me sento na cadeira
Vazio estava
Fazendo-me companhia
Vazio, minha vida
Condenado estou à eternidade esquecida
Horas após comer as fatias de queijo
Me aproximo de mais duas e abro um pão ao meio
A frigideira dá sinal de que está preparada para aquecer
Ecoa o barulho da combustão do gás, começa água a ferver
Mas mesmo com tantas opções é difícil ficar satisfeito:
Manteiga, café, leite, açúcar e “pão de queijo”
Penso na fantástica ideia de dissolver o pó no leite
O aroma do chocolate e os círculos que formam na caneca parecem enfeite
Mas tudo é por pouco tempo...
O gás se acaba, o pão de queijo é engolido
E o pó totalmente dissolvido
Engraçado como tudo na vida tem um fim
O fim é sempre igual
Para todos os casos, para todas as vidas
Não há como não dizer adeus
Sempre há uma partida
Por isso parto
Deixo os pães, o queijo,
Minha refeição é um beijo
E o fim da história, um abraço...

No quadrado

VERSO
(em branco)

Epílogo

Então, chegamos a mais um fim de muitos que ainda estão por vir. Depois do tempo, do momento de reflexão, da tristeza, da saudade e da metade, nos resta sonhar. Pensar no que faltou ser escrito – final feliz –, talvez impossível. Entretanto, os contos em forma de verso passam um pouco do que se passa em cada ser humano, independente de suas posses, pois são sentimentos e estes todos têm, sejam ricos ou pobres. Ninguém pode tirar, subornar ou privar.

É no vai e vem da vida que não percebemos a manifestação de cada *flash*, cada pensamento que assopra em nossa mente, sentimento diferente que nos faz lembrar, mas quando queremos pegar, ele já passou, se foi. Por esta razão registrei alguns dos muitos que me assolaram e ainda passam e maltratam minha memória, alma que não se cansa de enviar. São as informações arquivadas, esmiuçadas que voltam para justificar o que sou, de onde venho e para onde vou.

Espero que cada trecho tenha encontrado algo em alguém, que tenha despertado ao menos a curiosidade de saber o porquê de ter escrito este quadrado tão quadriculado. E gostaria, ainda, que os personagens infiltrados em cada linha se manifestassem, não para mim, mas para si próprio, lembrando do momento e do tempo em que despertou em mim a vontade, o anseio de reportar o episódio em um papel e agora guardado para o sempre, para o tempo, seja futuro ou o passado recente, está escrito, está feito e não se apagará.

Por fim, convido a todos para reler, voltar as páginas e se deliciar com os mistérios que possam vir a encontrar. Há muito que desvendar e muito que debochar destes

versos que surgiram no limiar de uma idade para a outra, que separam o tempo de minha existência e marcam uma idade que jamais voltarei. Retratam a saída da juventude, o despertar da consciência de um ser humano, como aquele que desperta de um sono, voltando à realidade.

Viagem, voltem e repassem os relatos deste sonho que se sonha junto, pois não existe solidão, mesmo para aquele que habita, vive, come, dorme, canta e se encanta sozinho. O mundo é feito de pessoas, e se existe mais de uma é porque não estamos sozinhos. Tristeza e solidão são reflexos de um pensamento mal-acabado, é fruto da imaginação e está distante deste pequeno trabalho. Bons sonhos, boa realidade e excelente releitura!

CONTATO COM O AUTOR
ruisamarcos@gmail.com



Impressão e Acabamento:

Gráfica Scortecci

www.graficascortecci.com.br
grafica@graficascortecci.com.br